



OFICINA DE AUDIOVISUAL SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO: QUAL A SUA IMPORTÂNCIA PARA A CIDADANIA DOS ESTUDANTES LGBTI+?

TALLER AUDIOVISUAL SOBRE SEXUALIDAD Y GÉNERO: ¿CUÁL ES SU IMPORTANCIA PARA LA CIUDADANÍA DE LOS ESTUDIANTES LGBTI+?

AUDIOVISUAL WORKSHOP ON SEXUALITY AND GENDER: WHAT IS ITS IMPORTANCE FOR THE CITIZENSHIP OF LGBTI+ STUDENTS?

Ivo Marins¹

Marcus Vinícius da Silva Pereira²

Giselle Rôças de Souza Fonseca³

RESUMO

O presente artigo apresenta dados e reflexões acerca da realização de uma oficina de audiovisual sobre sexualidade e gênero. A metodologia assumiu contornos da pesquisa qualitativa, com a participação que variava entre seis a dez estudantes do ensino médio. Composta por seis encontros semanais, de três horas cada, foi desenvolvida em uma escola da rede estadual no município de Saquarema, RJ. Utilizou-se a técnica do diário de bordo para os registros e coleta de dados. Para a análise e interpretação das informações construídas na pesquisa de campo, utilizou-se a técnica da Análise de Livre Interpretação (ALI). Os resultados apontam para a eficácia da oficina como um espaço de interlocução, acolhimento escuta, vivências, proteção e reflexão sobre ações de enfrentamento e combate ao preconceito e discriminação contra a população LGBTI+, sobretudo no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Oficina de audiovisual. Sexualidade. Gênero. Diário de Bordo.

RESUMEN

Este artículo presenta datos y reflexiones sobre la realización de un taller audiovisual sobre sexualidad y género. La metodología asumió los contornos de una investigación cualitativa, con una participación que osciló entre seis y diez estudiantes de magisterio.

¹ Mestre em Ensino de Ciências. Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Nilópolis, RJ, Brasil.

² Doutor em Educação em Ciências e Saúde. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³ Doutora em Ecologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Compuesto por seis encuentros semanales de tres horas cada uno, se desarrolló en una escuela pública del municipio de Saquarema, RJ. Para la recolección de registros y datos se utilizó la técnica del cuaderno de bitácora. Para el análisis e interpretación de la información construida en la investigación de campo se utilizó la técnica de Análisis de Interpretación Libre (ALI). Los resultados apuntan a la efectividad del taller como espacio de diálogo, acogida, escucha, experiencias, protección y reflexión sobre acciones para enfrentar y combatir los prejuicios y la discriminación contra la población LGBTI+, especialmente en el ámbito escolar.

PALABRAS-CLAVE: Taller audiovisual. Sexualidad. Género. Cuaderno de bitácora.

ABSTRACT

This article presents data and reflections on the realization of an audiovisual workshop on sexuality and gender. The methodology took on the contours of qualitative research, with the participation ranging from six to ten teaching students. Composed of six weekly meetings of three hours each, it was developed in a state school in the municipality of Saquarema, RJ. The logbook technique was used for records and data collection. For the analysis and interpretation of the information constructed in the field research, the technique of Free Interpretation Analysis (ALI) was used. The results point to the effectiveness of the workshop as a space for dialogue, welcoming, listening, experiences, protection and reflection on actions to confront and combat prejudice and discrimination against the LGBTI+ population, especially in the school environment.

KEYWORDS: Audiovisual workshop. Sexuality. Gender. Logbook.



Introdução

De acordo com Silmara Lourenço e Viviane Mendonça (2017) trabalhar a temática sexualidade em sala de aula sempre esteve a cargo dos professores de ciências, pois: i) há um senso comum de que são eles os possuidores de conhecimento sobre o tema; ii) é no currículo desta disciplina que os conteúdos relacionados ao corpo humano são abordados. Seguindo a lógica do ensino sobre corpo ou da diversidade de corpos, há uma transferência de que os estudos de gênero fazem parte do corpo humano.

Na visão de Sara Wagner York et al. (2022) gênero não está relacionado somente com o corpo biológico, mas, com as leituras desses corpos em acordo com o processo histórico, cultural e social. Desta forma, é preciso trabalhar a temática sexualidade numa abordagem que extrapole os ensinamentos propostos pela Biologia. Sendo assim, as ciências biológicas e sociais precisam dialogar para um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar de educação sexual, utilizando-se de projetos, seminários, rodas de conversa, debates, oficinas, entre outras propostas.

Em consonância com os estudos apresentados, este artigo traz uma proposta de oficina de audiovisual com a temática sexualidade e gênero. A presente oficina foi

elaborada com estudantes do ensino médio, numa escola da rede estadual do Rio de Janeiro, no município de Saquarema.

Na concepção de Elizabeth de Belém Guedes Teixeira (2012) as oficinas são espaços de socialização, que proporcionam momentos de ludicidade e criatividade por meio de trabalhos de grupo. Novas aprendizagens acontecem, constroem-se valores e educa-se para a ética e para a cidadania. Traduz-se em uma estratégia eficaz para construir conhecimento de forma coletiva, com livre expressão para questionar e agir sobre realidades e situações que precisam ser melhoradas. As oficinas são espaços que apontam novas descobertas e caminhos para mudanças que se fazem necessárias.

Pretende-se suscitar com este artigo uma reflexão e compreender a seguinte indagação: de que forma uma oficina de audiovisual pode contribuir para o fomento, proteção e cidadania dos estudantes, sobretudo aqueles que se identificam como LGBTI+?

O objetivo que se pauta é a análise da implementação de uma oficina de audiovisual como atividade extracurricular, para o fomento da educação sexual na perspectiva dos direitos humanos e da cidadania da população LGBTI+. Esta oficina se configura no produto educacional desenvolvido ao longo da pesquisa de mestrado intitulada “Mediações e reflexões sobre direitos humanos e a população LGBTI+ a partir de uma oficina de audiovisual”.

Procedimentos Metodológicos

A metodologia privilegiou a oficina de audiovisual, valorizando o protagonismo estudantil como agente de transformação social. Os sujeitos do estudo compreenderam dez estudantes do ensino médio, na faixa etária de 16 a 21 anos, de uma escola estadual do município de Saquarema, no estado do Rio de Janeiro.

Para a realização da oficina de audiovisual, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), campus Nilópolis, sob o protocolo 61827422.2.0000.5268. Os estudantes que participaram da oficina e seus responsáveis autorizaram o uso de imagem e voz na produção de audiovisual, além de assinarem o Termo de Conhecimento e Livre Esclarecimento.

A opção por um estudo de natureza qualitativa deve-se ao fato de permitir ao pesquisador explorar dados relativos à vivência dos indivíduos e compreender a realidade da qual fazem parte. De acordo com Maria Cecília de Souza Minayo (2012) a análise

qualitativa possibilita a construção de conhecimento científico com instrumentos que valorizam as relações humanas, crenças e valores como matéria prima da pesquisa.

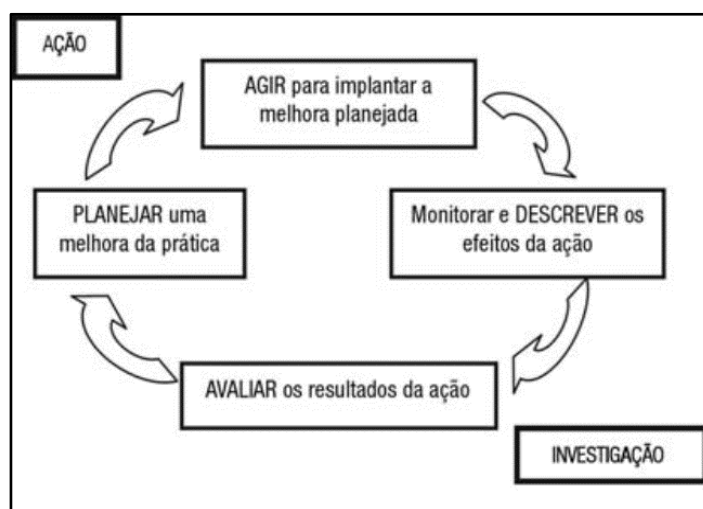
Entre as diversas formas de investigações qualitativas a pesquisa-ação apresenta benefícios de aplicação no ensino escolar. Traduz-se em uma pesquisa que está relacionada a processos de estudo, reflexão e ação em prol de mudanças sociais na escola. Implica uma postura proativa do pesquisador e dos participantes da pesquisa na identificação dos problemas (objeto de pesquisa) e na elaboração de possíveis soluções. As ações humanas representam o material de investigação na pesquisa -ação, como nos mostra a citação de Guido Irineu Engel:

No ensino, a pesquisa-ação tem por objeto de pesquisa as ações humanas em situações que são percebidas pelo professor como sendo inaceitáveis sob certos aspectos, que são suscetíveis de mudança e que, portanto, exigem uma resposta prática. Já a situação-problema é interpretada a partir do ponto de vista das pessoas envolvidas, baseando-se, portanto, sobre as representações que os diversos atores (professores, alunos, diretores etc.) têm da situação (Engel, 2000, p. 184).

É um tipo de pesquisa que ocorre em ciclos de fases que se repetem para o aperfeiçoamento do resultado de todas as fases. É um processo que vai acontecendo de forma repetitiva, onde o que se alcança em cada fase serve como etapa para a próxima e assim, sucessivamente, até chegar ao resultado esperado.

David Tripp (2005) baseado na concepção de Kurt Lewin (1947) propõe um modelo de pesquisa-ação organizado em ciclos com quatro fases de desenvolvimento, como é apresentado na figura 1:

FIGURA 1 – Representação de um diagrama em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação.



Fonte: Tripp (2005)

A primeira fase é o planejamento da ação para mudanças, após o reconhecimento do objeto de estudo e a identificação do problema dentro de um contexto social e/ou institucional. A segunda fase é a execução, a ação de possíveis soluções. A terceira fase é de monitoramento e descrição dos efeitos da ação. A quarta, e última, fase é a avaliação desta ação.

Tais ciclos buscam agir no campo da prática e investigam a respeito dela. “Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (Tripp, 2005, p. 446).

Assim, a pesquisa-ação caracteriza-se tanto pelo estudo da prática que é voltado para o levantamento de ações relacionadas ao objeto de estudo, quanto pela investigação que está relacionada às conquistas na obtenção de conhecimentos no campo da ciência.

A coleta de dados foi realizada durante o desenvolvimento e aplicação da oficina de audiovisual, registrada em diário de bordo, após esclarecimento da proposta e solicitação de autorização para registro dos encontros. Do ponto de vista de Giselle Rôças et al. (2020) as narrativas e diários de bordo são caminhos metodológicos que possibilitam ao professor desenvolver o costume de registrar sua aula e a posterior retomada para análise dos acertos e erros, refletindo e narrando a sua prática docente, identificando possibilidades de expressar sua autonomia.

Deste modo, os autores acreditam que a utilização de diários de bordo permite a (re)elaboração de cotidianos escolares com focos diferenciados, tais como: processos avaliativos, formação de professores, metodologias de ensino, práticas pedagógicas, identidade docentes e outros elementos essenciais da profissionalidade docente, possibilitando a recuperação da identidade da profissão e a autonomia docente.

A Análise de Livre Interpretação (ALI) foi a metodologia escolhida para acessar os dados colhidos, por ampliar a análise das falas registradas no diário de bordo, ao longo dos encontros da oficina. Promove a análise das narrativas dos estudantes sobre a temática pesquisada, além de possibilitar reflexão sobre ações que favoreçam a construção de princípios de respeito à diversidade sexual e de gênero, visando ampliar direitos e superar o quadro de violências contra estudantes LGBTI+ motivados por preconceito e discriminação.

De acordo com Rôças et al. (2020) a ALI é uma metodologia de análise para pesquisas qualitativas, que alia as experiências dos professores-pesquisadores ao

referencial teórico-metodológico que direciona e embasa a pesquisa. Na visão de Maylta Brandão Anjos (2021) o processo de análise soma-se com o conhecimento que o pesquisador traz em suas vivências e o conhecimento que vai adquirido no percurso da pesquisa.

Desta forma, busca-se o desvelamento da realidade estudada, a partir da compreensão das características que muitas vezes estão nas entrelinhas do que foi escrito ou numa expressão de sentimentos no momento dos diálogos na oficina. “É no ato da pesquisa, no fazer dela legitimado pela percepção relacional entre os aspectos teóricos e metodológicos, que se potencializa a capacidade argumentativa da ALI” (Anjos et al., 2019, p. 36). Sendo assim, é essencial que o pesquisador seja conhecedor da fundamentação teórica e da realidade que pesquisa, para que reconheça a pluralidade de interpretações que um diálogo, situação ou texto podem revelar.

Neste sentido, assumiu-se os seguintes procedimentos para a análise dos dados desta pesquisa: 1º passo – Leitura e decomposição da escrita registrada no diário de bordo, examinando-a nos mínimos detalhes; 2º passo – Identificação de informações contidas nos registros do diário que foram descritas, analisadas e comparadas; 3º passo – Reagrupamento destas informações em categorias que permitissem acessar os objetivos desta pesquisa; 4º passo – Estabelecimento de relações entre as informações contidas nos registros do diário e os referenciais teóricos utilizados na pesquisa, buscando novas compreensões a partir das premissas da ALI.

A oficina de audiovisual sobre sexualidade e gênero

A oficina de audiovisual apresenta uma proposta de intervenção e foi pensada para trabalhar as questões que envolvem o ambiente escolar e as diferenças sexuais e de gênero. A escolha dos participantes foi feita por inscrição na escola. Logo que a inscrição foi encerrada, construiu-se um grupo virtual para estreitar a comunicarmos sempre que necessária e organizar os encontros seguintes.

A partir da oficina surge um produto educacional, fruto de uma pesquisa de mestrado, tendo sido aplicado e avaliado no intervalo de três meses. É resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre a forma como os documentos oficiais de educação estimulam o ensino da temática em tela e de um levantamento prévio com professores e alunos da escola sobre a temática e a oficina (Ivo Marins et al., 2023).

A oficina de audiovisual está sendo divulgada por meio de um portfólio, intitulado Cine Arco-Íris Portfólio dos vídeos da oficina de audiovisual, disponibilizado no EDUCAPES (<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/738723>). Contém três vídeos que foram produzidos pelos estudantes no decorrer dos encontros. Para entendermos do que se trata um portfólio, Lina Cardoso Nunes (2007) o caracteriza como a reunião de todo o material produzido nas atividades desenvolvidas, podendo ser individual ou coletivas. As produções das atividades podem ser reunidas em cadernos, blocos e pastas ou constituir-se em um portfólio digital.

Na concepção de Maria de Oliveira Vieira (2002) o uso do portfólio na educação representa uma estratégia eficaz e com bons resultados na relação ensino-aprendizagem, na medida em que aprofunda o conhecimento e garante uma compreensão maior do que foi ensinado. O estudante tem a possibilidade de transformar a sua aprendizagem. Já o professor, além de avaliar e classificar o estudante, tem a possibilidade de repensar a sua prática.

Maria Helena Oliveira e Teresa Vasconcelos (2010) acrescentam que o trabalho com portfólios reflexivos representa uma estratégia eficaz no estímulo de processos de formação e autoformação compartilhadas, possibilitando que todos e todas (formadores e formandos) expressem suas vivências e experiências.

Os encontros da oficina aconteceram uma vez por semana, sempre todas as quintas-feiras dos meses de abril e maio. Foram realizados seis encontros no turno da manhã com duração de três horas cada e com número de participantes variável (entre seis e dez pessoas).

Durante a oficina, ficou perceptível que os estudantes necessitavam de um momento para dialogarem livremente sem medos de retaliações. A oficina tornou-se um espaço seguro de acolhimento, proteção e de reflexão sobre questões relacionadas às vivências dos estudantes no ambiente escolar. Os relatos apresentados nos encontros expõem uma realidade educacional ainda permeada de exclusão, preconceitos velados, de convívio tolerável, mas ainda pouco respeitável com a diversidade sexual e de gênero.

1º dia da oficina – 06/04/2023

O primeiro encontro iniciou-se às 9h no auditório da escola. No grupo virtual tivemos dezesseis participantes, no entanto, somente dez estudantes compareceram no primeiro dia de oficina. Foi proposta uma roda de conversa, na qual os participantes

punderam se apresentar e verbalizar as suas expectativas em relação à oficina. Algumas falas evidenciaram a necessidade e importância da aquisição de conhecimentos sobre identidades, diversidades e cidadania: *“Quero aprender mais sobre a vida dos LGBTs”*. *“Quero entender o que podemos fazer contra o preconceito”*. *“Quero fazer trabalhos sobre gays e apresentar na escola”*. *“Quero aprender mais sobre mulher e homem trans”*.

Logo após a roda de conversa foi exibido o curta-metragem “Diversidade sexual e de gênero”, realizado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, para refletirmos sobre a história de um menino transexual que passa pela transição de gênero no período da escola. Finalizada a exibição, o pesquisador perguntou aos estudantes o que acharam do vídeo e se existem dúvidas sobre a questão da transexualidade.

Em relação à algumas falas, segue registros de colocações importantes: *“Gostei, mas não entendo por que isso acontece, da pessoa nascer de um jeito e não ser feliz daquele jeito”*. *“O pior é o que a pessoa passa: muita humilhação, muito sofrimento e preconceito”*. *“Mas não adianta. Assim como mostrou no filme, a gente só consegue ser feliz quando a gente consegue ser do nosso jeito”*.

Essas e outras falas foram o ponto de partida para as reflexões sobre identidades e expressões de gênero, orientações sexuais, banheiros que excluem corpos que não fazem parte da binaridade homem/ mulher, preconceitos, discriminações e situações vividas na escola.

Para finalizar o primeiro encontro, foram produzidos os crachás com os nomes pelos quais se identificam. Este momento foi de bastante descontração e criatividade. Os crachás foram usados em todos os encontros para a identificação dos participantes. O primeiro dia de oficina encerrou-se às 12h. Porém, ao longo da semana, foi usado o grupo virtual para conversas e combinados para o próximo encontro.

2º dia da oficina – 13/04/2023

O segundo encontro iniciou-se às 9h, dessa vez em outro local, na sala de artes. Oito estudantes compareceram no segundo encontro. No decorrer da semana o pesquisador solicitou aos estudantes, que pensassem e escrevessem as histórias que pretendiam contar. A proposta naquele momento era o de ouvir as ideias e, conjuntamente, transformá-las em roteiros de curtas-metragens.

O pesquisador levou uma proposta impressa para ajudar o grupo de cursistas a organizar as sinopses das histórias. Porém, os estudantes preferiram escrever no próprio celular. Deu-se um tempo para que organizassem as sinopses, seguida da leitura no grupo. Surgiram quatro propostas que despertaram interesse dos estudantes, que assumiram a pretensão de transformá-las em roteiros de vídeos. As propostas estão descritas no quadro a seguir:

QUADRO 1 – Títulos e sinopses construídas pelos estudantes na oficina de audiovisual sobre sexualidade e gênero.

TÍTULOS	SINOPSES
1. Rebeca, uma mulher guerreira!	Disposta a conseguir uma nova chance no mercado de trabalho, Rebeca (22), negra, com escolaridade nível superior, faz uma busca, através do seu celular, pelos sites de emprego. Diante da alegria de ter conseguido achar o anúncio de uma empresa que precisa de secretária, Rebeca vai se deparar com barreiras por causa da sua cor.
2. Para Kai, meu amor secreto.	Kai (19) era estudante da academia de artes. Amava dançar e cantar, parecia um príncipe sempre que o fazia. Por outro lado, Theo (20) era estudante de literatura. Amava livros e escrever poemas em seu caderno. Um dia, Kai encontra um pedaço de papel com uma declaração para si, eis que ficou surpreso com tais palavras, decidindo assim, que descobriria quem era a pessoa por trás daquele belo texto.
3. Luany, o renascer para ser feliz!	Luany (21) é uma mulher transexual. Cursa o 2º ano do ensino médio em um colégio em Bacaxá – Saquarema – RJ. O documentário mostra um pouco da história de vida da Luany, da sua infância até a presente idade, os desafios de ser uma mulher trans e os seus sonhos.
4. Banheiros para todas, todes e todos!	Entrevistas com o professor pesquisador cisgênero, com a estudante transexual e com o estudante não-binário sobre o banheiro que pessoas transgêneros devem usar. Um curta-metragem para entender e exigir os espaços de todas, todes e todos na escola.

Fonte: os autores (2023)

Para ensinar o gênero textual de roteiro de curta-metragem, o pesquisador utilizou a sinopse da história: “Rebeca, uma mulher guerreira!” e de forma coletiva foi construído o roteiro desta história. O roteiro foi enviado para o grupo virtual da oficina para que

pudesse servir de modelo de escrita para as outras propostas de curtas-metragens. Ficou acordado que no próximo encontro as produções dos vídeos seriam iniciadas de acordo com as sinopses apresentadas e os roteiros construídos. Os estudantes apresentaram-se empolgados com a proposta da oficina e através dos roteiros exteriorizaram as ideias e questões que querem descortinar na produção audiovisual. Como última atividade do encontro foi exibido o curta-metragem: “Ser”, da TV Tribuna, com direção de Bernardo Luiz e Nadjara Martins. É um documentário sobre histórias de vida de pessoas transexuais. O encontro foi encerrado às 12h.

3º dia da oficina – 20/04/2023

A partir deste dia, todos os encontros começaram às 9h com a oferta de um lanche para criar um clima mais sociabilizado. Compareceram seis estudantes. Duas estudantes que participavam da oficina pediram transferência para outra escola da rede estadual, mas continuam no grupo virtual.

O pesquisador exibiu o curta-metragem: “In a Heartbeat”. É um curta-metragem de animação que traz a temática sobre a descoberta do amor entre dois garotos adolescentes. Dirigido por Beth David e Esteban Bravo.

Logo após a exibição do curta-metragem, o pesquisador pediu a análise do grupo e perguntou se seria possível produzir curtas-metragens semelhantes. Surgiram algumas falas importantes: *“Eu penso que dá para fazer. O filme fala de amor, mas muita gente aqui na escola se assistir não vai gostar”*. *“Não vejo nada demais no filme: não tem fala, não tem beijo, é só o sentimento. Mas também acho que muita gente se assistir vai criticar”*. *“Se criticam dois meninos gays, imagina se for um filme de amor entre trans?”*.

Em seguida à reflexão e discussão, o grupo foi para a sala de artes, local que serviu de cenário para as filmagens do primeiro curta-metragem.

Foi possível filmar todas as cenas de “Rebeca, uma mulher guerreira!”. As filmagens foram feitas utilizando-se dos celulares dos estudantes e foram acompanhadas pelo pesquisador que orientava e pedia para refazer quando não ficavam boas. A edição ficou por conta do pesquisador com colaboração de todos na montagem e organização das cenas. Foi um encontro descontraído, trabalhoso, que estreitou vínculos entre os participantes, sendo as filmagens iniciais do primeiro curta-metragem (figura 2).

FIGURA 2 – Filmagem do curta-metragem: “Rebeca, uma mulher guerreira!”



Fonte: Os autores (2023)

O grupo de estudantes ficou muito empolgado com o desenvolvimento das filmagens e feliz em ver a sua história no formato de roteiro sendo transformada em filme. *“Eu gostei muito, ficou bem legal! Acho que dá pra gente passar aqui na escola para conversar sobre preconceito e racismo”*. *“Nesses dias ouvi um menino no recreio falando com o amigo negro: isso só pode ser coisa de preto”*.

Importante destacar que a temática preconceito racial entrou nas discussões da oficina pela estudante Nayane, que trouxe essa proposta para o grupo pensar também nas questões de preconceito racial e de gênero. Questões bem relevantes que fazem parte das pautas de lutas dos movimentos sociais.

Dada essa relevância, em 2023, na 27ª Parada do Orgulho LGBTI+ de Copacabana, foi lançada pelo grupo Arco-Íris a nova versão da bandeira símbolo da população LGBTI+. Além das cores do arco-íris usadas na tradicional bandeira desde 1987 que representam a diversidade, novas cores e símbolos foram acrescentados. A bandeira atualizada conta com uma seta que indica progresso. As cores preto e marrom fazem menção ao movimento antirracista, as cores azul, rosa e branco representam o orgulho trans e as cores branco e amarelo, junto a um círculo roxo, fazem o símbolo do orgulho intersexo. Logo abaixo, apresenta-se a figura da bandeira atualizada.

FIGURA 3 – Nova bandeira LGBTI+.



Fonte: CAIXETA, 2022

Concluída as gravações do primeiro curta-metragem, ficou acertado que as gravações do segundo curta-metragem aconteceriam no próximo encontro.

4º dia da oficina – 27/04/2023

Neste dia compareceram seis estudantes e o grupo foi reunido na sala de Artes para a filmagem do segundo vídeo: “Luany, o renascer para ser feliz”. Para a produção do curta-metragem, foi pensado um roteiro onde a protagonista relata alguns momentos importantes da sua vida: o convívio em família, os desafios de ser uma mulher trans e os seus sonhos. Todos gostaram da proposta do vídeo e consideraram importante a exibição na escola para provocar uma reflexão sobre a transexualidade e a diversidade de gênero.

Os estudantes relataram que a escola ainda precisa avançar muito na compreensão da diversidade sexual e de gênero. “*Vivo sendo chamada na sala da direção porque me acham abusada*”. (estudante trans). “*A minha presença sempre incomoda*” (estudante cis gay). Ficou decidido entre o grupo a organização de um cine debate no mês do orgulho LGBTI+, para refletir com professores e estudantes a diversidade sexual e de gênero e as questões relacionadas à cidadania desta população. Logo abaixo, o registro de um momento da gravação do segundo curta-metragem.

FIGURA 4 – Filmagem do curta-metragem: “Luany, o renascer para ser feliz!”



Fonte: Os autores, 2023

Ficou decidido que no próximo encontro seria a gravação do terceiro vídeo. O encontro encerrou-se às 12h.

5º dia da oficina – 04/05/2023

O grupo, com seis integrantes, foi reunido na sala de vídeo para a filmagem do terceiro curta-metragem: “Banheiros para todas, todes e todos!”. O pesquisador participou do curta, assumindo um papel de protagonismo, ao trazer algumas contribuições sobre o assunto tratado. A discussão gira em torno da proibição da utilização dos banheiros por pessoas transgêneros, visto que é um problema educacional e social, que ainda não foi julgado e que tramita no STF desde o ano de 2015.

Segundo o pensamento de Roger Raupp Rios e Alice Hertzog Resadori (2015) um dos argumentos principais da proibição da utilização dos banheiros por transexuais é o risco à segurança e a privacidade das usuárias cisgêneros. Argumento injustificável, diante do fato de que não existem dados que comprovem a ação de transexuais ameaçando ou cometendo violência em banheiros femininos. Este argumento é fundado em suposições preconceituosas que não se comprova. Em contrapartida, o que se comprova são episódios recorrentes de violência moral e física contra transexuais femininas quando vão utilizar o banheiro público.

A figura abaixo, representa o registro de um momento da gravação do terceiro curta-metragem.

FIGURA 5 – Filmagem do curta-metragem: ““Banheiros para todas, todes e todos!””.



Fonte: Os autores (2023)

Logo após a conclusão das gravações, a palavra foi passada para a Luany, uma estudante que também protagonizou o filme e pediu para falar. A estudante aprovou o vídeo, mas trouxe para as discussões o seu incômodo em utilizar um banheiro separado das demais estudantes:

D Eu sou mulher, quero utilizar o banheiro feminino. Já entendi que ainda não tem uma lei aprovada para isso, mas me sinto obrigada a usar um banheiro que as outras meninas não usam. Um banheiro que a escola proporcionou para mim, onde eu não me sinto bem em usar (Luany, 2023).

Os outros estudantes presentes também acreditam que a Luany deveria utilizar o banheiro feminino, porém, deixam claro que o assunto divide opiniões entre estudantes e professores do colégio: “Essa discussão do banheiro é muito polêmica. Aqui na escola mesmo, a gente tem professores e alunos que aceitam e outros que acham um absurdo dividir o banheiro com gays e transexuais”.

Sobre alternativas que possam solucionar a questão em pauta, Rios e Resadori (2015) pensando nos direitos fundamentais do ser humano, apontam algumas possibilidades que respeitem a dignidade, a liberdade, a privacidade e a igualdade. As alternativas sugeridas são: 1. Dois banheiros separados por gênero, com liberdade de utilização sem discriminação por identidade de gênero; 2. Instalações de banheiros de utilização individual, acessíveis a todos, sem distinção de sexo ou identidade de gênero; 3. Instalação de um único banheiro, de utilização coletiva e universal, com cabines individuais internas sem distinções.

Diante do exposto, constatou-se a importância de apresentar os vídeos para professores e estudantes e provocar uma reflexão sobre cidadania LGBTI+. O encontro foi encerrado às 12h.

6º dia da oficina – 11/05/202

O último dia da oficina iniciou-se às 9h com o café/ lanche. Compareceram seis estudantes. O grupo foi reunido no auditório para a exibição dos três vídeos e logo após, iniciar uma roda de conversa. Muitos pontos importantes foram levantados na análise dos vídeos produzidos, como nos mostra o quadro abaixo:

QUADRO 2 – características importantes nos vídeos produzidos

Curtas-metragens	Link	Características importantes
Vídeo 1: “Rebeca, uma mulher guerreira!”.	https://drive.google.com/file/d/1OPOWm1wNwPboaKpfz8ZGJO-8vCaHxVIV/view?usp=drive_web	<ul style="list-style-type: none"> - Preconceito racial e de gênero; - A mulher no mercado de trabalho; - Desigualdade de gênero; - Confiança e autoestima da mulher negra;
Vídeo 2: “Luany, o renascer para ser feliz”.	https://drive.google.com/file/d/1Oa_t6ltzRMNu0lgWRyhQ5i8Ht5xkmjMJ/view?usp=drive_web	<ul style="list-style-type: none"> - Transexualidade; - Preconceitos; - Família, escola e a diversidade humana; - Lutas, desafios e sonhos.
Vídeo 3: “Banheiros para todas, todes e todos!”.	https://drive.google.com/file/d/14eWD6i6sHSxtfGYUCC5CyT14ebO5WrAT/view?usp=drive_web	<ul style="list-style-type: none"> - Identidade de gênero e orientação sexual; - Nome social; - Lei para banheiros inclusivos que tramita no STF; - Visão binária de escola e sociedade.

Fonte: os autores (2023)

Encerrou-se o último encontro da oficina às 12h. Apenas não foi gravado um curta-metragem, no entanto, o pesquisador colocou-se à disposição para possíveis orientações para a gravação. Os encontros presenciais da oficina terminaram nesta data, porém, o grupo virtual permaneceu aberto para a nossa comunicação.

Reflexões sobre o processo

No vídeo 1, um filme sobre preconceito racial e de gênero evidenciou-se a necessidade dos estudantes roteiristas de abordarem questões que os incomodam na

sociedade, especificamente em se tratando do mercado de trabalho que ainda trata mulheres e homens de forma diferenciada. A discriminação de mulheres, sobretudo negras, com cargos inferiores ou com salários incompatíveis ao seu nível de escolaridade, numa sociedade ainda dominada pela figura do homem branco. O filme também aborda relatos da protagonista e encoraja as mulheres a desafiar as barreiras sociais, mostrando a sua força e competência. Pontos importantes para serem discutidos no cine-debate com os estudantes e professores da escola.

O vídeo 2, mostra um pouco da história de vida da Luany. Faz-se a opção de uma abordagem simples e familiar para evidenciar que todas as vidas importam e que o ser humano, independente da identidade de gênero ou orientação sexual, busca a felicidade. Os estudantes roteiristas colocam em pauta um breve relato da história de vida de uma estudante transexual, os desafios enfrentados no dia a dia e os seus sonhos. Neste vídeo evidencia-se a importância do acolhimento familiar e da escola enquanto instituições fundamentais no processo de desenvolvimento do ser humano. Luany precisou nascer ou renascer, para o ser humano que habita o seu corpo ter a possibilidade de ser feliz com muitas lutas, desafios e sonhos. Um vídeo que suscita muitas discussões para a quebra de preconceitos e discriminações contra a população LGBTI+.

No vídeo 3, discute-se a problemática em torno da proibição da utilização de banheiros de acordo com a identidade de gênero de transexuais, travestis e pessoas não-binárias. O uso do banheiro pelas pessoas que fogem da combinação sexo-gênero continua sendo um desafio, o que reforça a importância do aprofundamento das discussões de sexualidade e gênero no ambiente escolar.

A utilização dos banheiros pelas pessoas transgêneros incomoda, provoca desconforto naqueles que aprenderam durante toda a vida que só existem dois gêneros e que o banheiro atende nesta combinação: se tem pênis utiliza o banheiro masculino, se tem vagina utiliza o banheiro feminino. Quando outros corpos transgridem a lógica binária de sexo e gênero, coloca-se em discussão a divisão desse espaço. Sendo assim, muitas escolas tomam a decisão de disponibilizarem os banheiros de professores e funcionários para as pessoas transgêneros, o que faz com que os conflitos sejam mascarados e nunca resolvidos.

O uso de banheiros por pessoas transgêneros tramita no Supremo Tribunal Federal (STF) desde o ano de 2015, mas ainda não foi julgado. Trata-se da Resolução nº 12 de 16/01/2015, no artigo 6º que estabelece parâmetros para assegurar e garantir o direito ao

uso de banheiros públicos, de acordo com a identidade de gênero que a pessoa se identifica.

Na visão de Camila Cetrone (2023) será contraditório para o STF não votar favoravelmente pela utilização dos banheiros públicos pelas pessoas transgêneros, devido ao fato de que este tribunal já vem em outras ações assegurando o direito dessa parcela da população. Podemos citar como exemplo, o ano de 2018, onde o STF reconheceu como direito fundamental das pessoas transgêneros a autoafirmação e retificação de nome e gênero. E, em 2019, quando criminalizou e reconheceu a discriminação por identidade de gênero. Logo, acredita-se que o tema, que espera há oito anos para ser julgado, pode voltar a ser discutido no STF em breve com decisão favorável às pessoas transgêneros.

Considerações Finais

A escola é um dos espaços privilegiados de convívio com a multiplicidade humana. Nela, encontram-se todos os tipos de pessoas com as suas diferenças que precisam ser respeitadas e consideradas num trabalho educativo sobre diversidade sexual e de gênero. Além do mais, de acordo com Louro (2014) temos na contemporaneidade a presença em grande número de mulheres em sala de aula, uma maior visibilidade de estudantes LGBTI+ com diferentes expressões de gêneros e o reconhecimento dado pelas mídias para as lutas e existências desta população. Somando-se a tudo isso, também temos na atualidade um forte e decisivo desempenho dos movimentos sociais, do feminismo, dos estudos culturais, movimento negros entre outros.

Isto posto, este estudo priorizou uma abordagem sobretudo sociocultural para refletir sobre as questões que envolvem a sexualidade humana. Ao pensar sobre a referida temática, integrou-as ciências biológicas e sociais para problematizar as questões socioculturais e de desigualdades que atravessam os estudos sobre sexualidade e gênero.

Ao longo da oficina de audiovisual foram produzidos três vídeos estudantis. Através da produção fílmica os estudantes puderam externalizar suas opiniões e provocar reflexões sobre assuntos considerados necessários para a promoção da cidadania. Porém, a implementação da oficina de audiovisual com a temática sexualidade e gênero não foi simples. Esta proposta extracurricular passou por alguns percalços: estudantes que queriam participar, mas não queriam que a família soubesse; estudantes que iniciaram e depois mudaram de escola; desconfianças de algumas pessoas, funcionários e famílias em relação a seriedade da proposta;

visões religiosas e políticas em favor da heteronormatividade e contrárias a uma proposta de discussão sobre diversidade sexual e de gênero na escola.

O trabalho com a oficina de audiovisual resistiu aos contratempos e comprovou a sua relevância ao proporcionar protagonismo aos estudantes, priorizando a escuta para o entendimento dos conflitos vivenciados no ambiente escolar. Os relatos e discussões apontaram caminhos para se refletir sobre novos procedimentos em combate ao preconceito e discriminação relacionados à diversidade sexual e de gênero vivenciados na escola.

A oficina transformou-se num espaço seguro, confiável para que todas as pessoas presentes pudessem falar abertamente sobre medos, inseguranças, insatisfações, desejos e sonhos. Além de estimular a criatividade através da construção de roteiros e produção de curtas-metragens. Os resultados mostraram que a oficina de audiovisual sobre sexualidade e gênero obteve êxito em sua proposta, pois configurou-se como um espaço de criação, interlocução, acolhimento, escuta, vivências e proteção dos estudantes que se diferenciam dos padrões heteronormativos. Além de refletir sobre ações de enfrentamento e combate ao preconceito e discriminação contra a população LGBTI+, sobretudo no ambiente escolar.

Referências

ANJOS, Maylta Brandão; RÔÇAS, Giselle; PEREIRA, Marcus Vinícius. Análise de livre interpretação como uma possibilidade de caminho metodológico. **Ensino, Saúde e Ambiente**, RJ, v12, p.27-39, dez. 2019. Disponível em: [MAYLTA 2019.pdf](#). Acesso em: 14 set. 2023.

ANJOS, Maylta Brandão. Educação profissional e tecnológica: a prática pedagógica como veículo da liberdade. **Revista Humanidades e Inovação** v.8, n.53, 2021. Disponível em: [5957-Texto do artigo-20479-2-10-20211116.pdf](#). Acesso em: 24 set. 2023.

CAIXETA, Izabella. Nova bandeira LGBT inclui cores trans, intersexo e da luta antirracista. **Estado de Minas, Diversidade**. 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/12/07/noticia-diversidade,1430519/nova-bandeira-lgbt-inclui-cores-trans-intersexo-e-da-luta-antirracista.shtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

CETRONE, Camila. STF atrasa direito básico ao demorar para julgar uso de banheiros por pessoas trans. Por que é urgente? **Revista Marie Claire Política**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/politica/noticia/2023/06/stf-banheiros-pessoas-trans.ghtml>. Acesso em: 24 set. 2023.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Educar, Curitiba**, n. 16, p. 181-191. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.214>. Acesso em: 24 set. 2023.

LOURENÇO, Silmara; MENDONÇA, Viviane. Diferenças e interfaces entre sexo e gênero: reflexões para o ensino de ciências. **Ciências em Foco**, v. 10, n. 1, p. 13-22, 2017. Disponível em: [Vista do Diferenças e interfaces entre sexo e gênero | Ciências em Foco \(unicamp.br\)](#). Acesso em: 24 set. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16.ed. Petrópolis - Vozes. 2014.

MARINS, Ivo et al. Dos Parâmetros Curriculares Nacionais aos Temas Contemporâneos Transversais: o ensino de sexualidade sob o domínio da “Escola Sem Partido”. *Ensino, Saude e Ambiente*, 16, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/57732> Acesso em: 08 de set. 2023.

MARINS, Ivo; PEREIRA, Marcus Vinícius; RÔÇAS, Giselle. Arco-Íris Portfólio dos vídeos da oficina de audiovisual. Produto educacional elaborado no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências (PROPEC/IFRJ). 2023. Disponível em <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/738723>. Acesso em 05 out. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: [untitled \(scielo.br\)](#). Acesso em: 24 set. 2023.

NUNES, Lina Cardoso. O Portfólio na Avaliação da Aprendizagem no Ensino Presencial e a Distância: a alternativa hipertextual. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 18, n. 38, set./dez. 2007. Disponível em: [O Portfólio na avaliação da aprendizagem no ensino presencial e a distância: a alternativa hipertextual | Estudos em Avaliação Educacional \(fcc.org.br\)](#). Acesso em: 24 set. 2023.

OLIVEIRA, Maria Helena; VASCONCELOS, Teresa. Os portfolios reflexivos na prática pedagógica: implicações da participação do professor cooperante. Da Investigação às Práticas - **Estudos de Natureza Educacional**, v 10 Nº1, p. 127-152. 2010. Disponível em: [Os portfólios reflexivos na prática pedagógica.pdf \(ipl.pt\)](#). Acesso em: 24 set. 2023.

RIOS, Roger Raupp; RESADORI, Alice Hertzog. Direitos humanos, transexualidade e “direito dos banheiros” **Revista Direito e Práxis**, v. 6, nº 12, 2015, pp. 196-227 UERJ - Rio de Janeiro. Disponível em: [Redalyc.Direitos humanos, transexualidade e “direito dos banheiros”](#). Acesso em: 24 set.2023.

RÔÇAS, Giselle et al. “O Sorriso de Mona Lisa”. A análise de livre interpretação como perspectiva metodológica em pesquisas. In: Rôças, Giselle (org.). **Ensaio sobre a cegueira**: reflexões acerca de processos formativos na área de ensino e o lugar da escola. Porto Alegre: Fi, 2020. Cap. 9, p. 202 – 2018.

TEIXEIRA, Elizabeth de Belém Guedes. Importância das oficinas. 2012. 85 folhas. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa, 2012. Disponível em:

https://recil.ensinulusofona.pt/bitstream/10437/2711/1/Dissertação_%20Elisabete%20Teixeira2012.pdf. Acesso em: 23 ago.2023.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>. Acesso em: 24 set. 2023.

VIEIRA, Maria de Oliveira. Portfólio: uma proposta de avaliação como reconstrução do processo de aprendizagem. **Psicologia Escolar e Educacional. Universidade de Uberaba/ MG**, v. 6, n.2, p. 149-153. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572002000200005>. Acesso em: 24 set. 2023.

YORK, Sara Wagner et al. **Gênero e sexualidade na educação**. Uma perspectiva interseccional. 1ed. Salvador, BA. Devires, 2022.

Recebido em novembro de 2023.

Aprovado em julho de 2024.

Revista
Diversidade
e Educação